



Apresentação

68 e Depois

A ideia para publicação de um Dossiê *68 e depois* para a revista *Cadernos Benjaminianos* aconteceu durante a Mostra e Seminário de cinema homônimo que foi realizada entre 30 de maio e 3 de junho de 2018 para ativar um debate em torno dos 50 anos de Maio de 68. A mostra que aconteceu na histórica sala de cinema pública Humberto Mauro (Palácio das Artes) e teve como interesse central de discussão sobre o modo como o cinema elabora as imagens e as narrativas do passado e do presente imbricando reflexão e engajamento, assim como ativando possibilidades de intervenção em nossa situação política contemporânea brasileira, auxiliando no pensamento, na mobilização e na ação política efetiva. *68 e depois* teve curadoria e organização de Pedro Rena e Natacha Rena, e contou com a produção e gerência de cinema do Palácio das Artes. A Mostra também foi uma realização conjunta com o grupo de pesquisa Indisciplinar via o projeto de extensão Cartografias das Lutas, coordenado pela professora Marcela Brandão da Escola de Arquitetura da UFMG, contando com a participação de pesquisadores de diversos projetos e grupos de pesquisa da UFMG.

No recorte proposto pela mostra, as imagens apresentam levantes, resistências políticas e manifestações culturais ocorridos desde a segunda metade do século XX como as insurgências estudantis e operárias do Maio de 68 francês, a Primavera de Praga, a Passeata dos Cem Mil no Brasil (“No intenso agora”, “Morrer aos 30 anos”, “O fundo do ar é vermelho”, “Projeto 68”); a resistência política contra a ditadura no Brasil (“O bravo guerreiro” e “Retratos de identificação”); a greve dos operários no ABC paulista em 1978-9 (“ABC da Greve”); o tropicalismo na música, na literatura, na arte e no cinema durante a ditadura (“Torquato Neto todas as horas do fim”, “Pan-cinema permanente” sobre Waly Salomão, “Terra em Transe”); as manifestações populares no Brasil desde Junho de 2013 até o afastamento da ex-presidenta Dilma (“Desde Junho”, “Escolas em Luta”, “Operações de Garantia da Lei e da Ordem”, “O golpe em 50 cortes”, “Contra golpe”, “Ligia”).

Para matizar e colocar em perspectiva o contexto histórico tão complexo, o objetivo com a mostra foi, principalmente, promover um encontro entre realizadores/as, pesquisadores/as, e especialistas de diversas áreas do conhecimento (urbanismo, letras, história, filosofia, teatro, artes visuais, música e psicanálise), assim como proporcionar um ambiente de debate que colocasse em contato diversos grupos de pesquisa e extensão da UFMG, com artistas, cineastas e ativistas, agentes que estão escrevendo, desenhando e construindo a história do contemporânea do nosso país: João Moreira Salles; Juca Ferreira; Natacha Rena; Julia Fagioli e Marília Rocha; Maíra Ramirez; Virginia Figueiredo; Eduardo Soares Neves; Luís Felipe Flores; Lucas Cunha; Tatiana Carvalho; Pedro Veras; Anna Karina; Roberta Veiga; Carolina Macedo; Luiz Dulci; Affonso Uchoa; Luiza Dulci; Eduardo de Jesus; Sabrina Sedlmayer; João Paulo Rabelo; Leda Maria Martins; Gustavo Silveira Ribeiro; Pedro Rena; Pedro Paulo Rocha; César Guimarães; Augusto Barros; Aiano Bemfica, Lucas Campolina (realizador), Clarissa Campolina; Julia Mariano; Frederico Canuto; André Brasil; Marcela Silviano Brandão; Moara Correa Saboia; Bruna Helena; Clarisse Alvarenga.

FIGURA – Flyer de divulgação do evento da mostra 68 e depois



Fonte: produzido Yasmin Moura

Um dos objetivos da mostra foi o de comparar os acontecimentos do Maio de 68 europeu e mundial com o nosso contexto brasileiro, da ditadura civil-militar aos acontecimentos de Junho de 2013, até chegar ao afastamento da ex-presidenta Dilma. Os textos da revista acompanham esse trajeto: os primeiro três se debruçam sobre o cinema produzido sobre as insurgências de Maio de 68 na França e ao redor do mundo – *68 e depois: Uma cartografia dos filmes “Morrer aos 30 Anos” e “O Fundo do Ar é Vermelho”*, de Maíra Ramirez Nobre, Natacha Silva Araújo Rena e Danilo Caporalli Barbosa, *1968, o ano que ainda não começou – Comentário ao filme Mourir à trente ans*, de Romain Goupil, de Virgínia de Araújo Figueiredo e *Notas em torno do cinema militante de 1960 e 1970* de Julia Fagioli; os textos seguintes se dedicam a pensar os acontecimentos políticos e históricos do Brasil a partir dos filmes – *A ditadura militar “por” e “entre” mulheres: o cinema contra o apagamento histórico em Retratos de Identificação e Setenta*, de Anna Karina Castanheira Bartolomeu, Roberta Veiga e Leticia Marotta, *Dois filmes, infinitas constelações: Pan-cinema permanente e A paixão de JL*, de Marina Baltazar Mattos e Gustavo Silveira Ribeiro, *Nas bandeiras, nos algoritmos, nos espaços: erupções*, de Frederico Canutto e *As máquinas do Brasil* de Pedro Rena Todeschi e Sérgio Alcides Pereira do Amaral.

A seção Varia desta edição do *Cadernos Benjaminianos* apresenta 4 textos que tratam da memória, da narração, dos procedimentos de escrita, da oralidade, da micrografia e da experiência, são eles: *A miniaturização como procedimento de escrita* escrito por Francisco Camêlo, que propõe uma reflexão cruzada entre Walter Benjamin e Robert Walser, a partir de suas micrografias; *O brilho distante de um pequeno cometa: A cena interior*, de Marcel Cohen por Breno Fonseca Rodrigues e Lyslei de Souza Nascimento, analisa a narração memorialística de Cohen, à luz do pensamento de Benjamin e busca refletir sobre o processo de reconstrução do passado empreendido pelo escritor, as instabilidades inerentes ao testemunho, ao jogo da ficção e da memória que abarca a escrita da história familiar; *O gesto político de despertar: a outra independência* de Ana Luiza Andrade utiliza de teóricos benjaminianos como Didi-Huberman e Giorgio Agamben ao relembrar o gesto político de independência que relaciona imagens e palavras: o poema de João

Cabral sobre Frei Caneca, O Auto do Frade, o episódio histórico retomado por Evandro Cabral de Melo e o quadro de Cícero Dias; *Payador: considerações sobre oralidade, experiência e memória em Buenos Aires, la novela, de Pedro Orgambide* escrito por Fernanda Palo Prado tem por objetivo refletir sobre o estabelecimento de possíveis paralelos entre Pedro Orgambide e Walter Benjamin por meio da figura do payador e do contador de histórias a partir do tripé: oralidade, experiência e memória; por fim, a tradução *Mutações materialistas da Bilderverbot* de Rebecca Comay realizada por Alessandra A. Martins Parente.

Natacha Rena (UFMG)
Marcela Brandão (UFMG)
Pedro Rena (UFMG)
organizadores